



DL-01

Ses. Esp. 26/10/12

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em Homenagem aos 130 anos dos Batistas Baianos, proposta por mim, deputado Alan Sanches.

Gostaria de iniciar a composição da Mesa convidando o Sr. Presidente da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil na Bahia, pastor Arno Hubner (palmas); a Sr^a Antônia Ferreira Lima Oliveira, educadora religiosa e mestra em Teologia que será nossa oradora oficial (palmas); o Sr. Capitão Gildásio, capelão da Polícia Militar e representante do Comandante-Geral da Polícia Militar, coronel Alfredo Castro (palmas); o reverendo Elton Santos, pastor da Igreja Batista Morιά e representante do pastor Isaías Lins, ex-presidente da Convenção Batista Baiana (palmas); o Sr. Ex-Presidente da Convenção Batista Baiana, pastor Dilmã dos Santos Cerqueira (palmas); o Sr. Secretário Executivo da Ordem dos Pastores de Salvador, pastor Sílvio Rodrigues (palmas); Sr^a Presidente da União Feminina da Bahia, Célia Caribé, representante do pastor Edvardes Mendes e atual presidente da Convenção Batista Baiana (palmas) e, também, o presidente do PSD Jovem e vereador eleito da cidade de Salvador, Duda Sanches. (Palmas)

Assistiremos, agora, a uma apresentação musical dos pastores Joas Meneses e Álvaro Júnior.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):- Queria saudar, após a composição completa da Mesa, toda a Mesa e os demais presentes, agradecendo a presença num momento difícil em que o nosso município vive que é justamente esse final de pleito eleitoral. Mesmo assim as pessoas que estão tão envolvidas com isso estão aqui se fazendo presente nesta data tão importante para os batistas baianos e brasileiros, porque foi aqui, há 130 anos, que tudo começou, marginalizados, perseguidos, descrentes, e hoje o crente, o batista é chamado, convidado e convocado a participar de todas as decisões, econômicas, culturais, sociais e políticas.



Hoje, realmente, somos chamados nessas discussões, procurados para as decisões da nossa sociedade, e isso se deve a todos os batistas que, ao longo do tempo, conseguiram essa credibilidade com a sua palavra: é sim, sim; não, não.

Então estes 130 anos precisavam desta sessão que foi solicitada há cerca de três a quatro meses pelo pastor Dilmã Cerqueira, ainda enquanto presidente da Convenção Batista, que precisava registrar, marcar esta data comemorativa de 130 anos e deixar registrado nos anais da Assembleia Legislativa a passagem e a confirmação dos 130 anos dos batistas baianos e brasileiros.



4060-II

Ses. Esp. 26/10/12

Or. Dilmã dos Santos Cerqueira

Homenagem aos 130 Anos dos Batistas Baianos.

O Sr. Presidente (Alan Sanches):- Eu gostaria agora de passar a palavra ao pastor Dilmã dos Santos Cerqueira, ex-presidente da Convenção Batista Baiana, pastor da Igreja Batista Monte Tabor.

O Sr. DILMÃ DOS SANTOS CERQUEIRA:- Exmº Sr. Presidente desta sessão especial, deputado Alan Sanches, proponente desta magna sessão, em nome do qual saúdo todos os membros da Mesa e todos os presentes a este momento histórico.

Quero registrar nesta manhã uma coisa muito importante: quem é batista celebra. Quem é batista baiano celebra com mais entusiasmo, porque, apesar de contextos históricos levantados em outras regiões do Brasil, temos a certeza, professora Antônia, oradora desta sessão, de que foi aqui, em Salvador, na Bahia, onde foi implantada a Primeira Igreja Batista do Brasil. E nós precisamos interpretar corretamente os títulos denominativos. Lá em Santa Bárbara do Oeste, em São Paulo, foi o marco da chegada dos batistas no Brasil. Mas aqui, em Salvador, Bahia, nasceu a Primeira Igreja Batista do Brasil. Lá aconteceu a chegada da missão batista americana que se instalou em Santa Bárbara do Oeste, com culto em inglês, onde os habitantes não poderiam participar, nem tampouco os escravos participavam. Por isso, nós podemos, nesta sessão, professora Antônia, destacar que existem documentos, principalmente uma carta emitida em 11 de janeiro de 1873 onde está ali registrada que em Santa Bárbara do Oeste existia a Primeira Igreja Missionária Norte-Americana do Brasil, com 23 membros. O pastor fundador foi o reverendo Richard Raticliff. Depois de alguns anos aquela igreja foi desativada.

Organizaram a segunda igreja na estação. Mas, efetivamente, com a chegada do casal Bagby, em Campinas, onde estudaram português e vieram para Salvador com o casal Taylor e o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, aqui chegando no dia 26 de agosto de 1882. Em 15 de outubro de 1882 foi organizada a Primeira Igreja Batista na Bahia,



posteriormente denominada Primeira Igreja Batista do Brasil, para os baianos, com a cara da Bahia, com a cara da nossa terra.

Por isso nós celebramos e destacando dizendo nós, batistas, temos história nesta terra! E teremos oportunidade de conhecer os feitos dos batistas na terra agradável da Bahia e nesta linda cidade do Salvador.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4061-II

Ses. Esp. 26/10/12

Or. Antônia Ferreira Lima Oliveira

Homenagem aos 130 Anos dos Batistas Baianos.

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):-Assistiremos agora à apresentação de um DVD, ali ao lado, sobre a história dos batistas.

(Apresentação do vídeo sobre a história dos batistas.)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):- Dando continuidade a sessão concedo a palavra a Sr^a Antônia Ferreira Lima Oliveira, educadora religiosa, mestre em teologia, Reitora do Seminário da Bahia e ex-presidente da Congregação Batista Baiana.

Gostaria de convidar o presidente da Associação Batista de Salvador, Jean Souto, nosso colega, para compor a Mesa; registrar também a presença de representantes da Igreja Batista Moriá, Batista Heróis da Fé, Batista Shamman, Batista Getsêmane, Escola municipal João da Cunha, Batista Monte Tabor, Sindae e demais presentes.

A Sr^a ANTÔNIA FERREIRA LIMA OLIVEIRA:- Sr. Presidente desta sessão, deputado Alana Sanches, demais membros componentes da Mesa, a quem saudamos de igual modo todo este grupo que aqui está para nos prestigiar, prestigiar os batistas, não somos nós que lhes estamos prestigiando mas são vocês que estão prestigiando os batistas, deixando um dia da semana perto de uma eleição como já disse o deputado, enfrentando um pedaço de apagão quase a noite toda, tanto que inclusive as minhas coisas estão aqui meio, como dizia Rui Barbosa, os meus alfarrábios, porque fui convidada há cinco dias, oficialmente, a minha vida é muito cheia de atividades e comecei a pensar no que dizer a este magno grupo aqui representado.

Deixa-me dizer um pouco de mim para que vocês possam compreender o início da fundamentação das minhas palavras. Tenho uma tese sobre a história dos batistas na Bahia, foi a minha tese de mestrado em teologia com ênfase em História da Igreja e pegar um pedacinho para falar aqui, em 300 e tantas páginas, foi terrível, rasguei mais de 10 tentativas mesmo com pouco tempo, rasgava e botava lá, não é isso aqui, porque graças a Deus até algumas coisas que coloquei aqui nas minhas palavras não vou falar porque já foi falado.



Pensei, não é possível que depois de 130 anos o povo batista não saiba nem o nome dos seus pioneiros, de modo que já foram citados aqui e fizemos esse trabalho pelo seguinte: chegamos aqui na Bahia, devo estar agora em outubro, não consegui ver exatamente o dia mas tem como retroceder, há 40 anos me converti em Alagoas, não sei se coincidentemente ou não, em Rio Largo, cidade de Antônio Teixeira de Albuquerque, mesmo município, temos o mesmo nome, ex-católicos os dois, então têm algumas coisas meio parecidas e digo isso me empolgando um pouco.

De modo que quando cheguei para trabalhar na Bahia e tendo uns cargos muito altos para a minha competência fiquei preocupada, estava às vésperas, faltavam alguns anos para o centenário batista e o povo todo vinha do Brasil pedindo informações sobre o trabalho batista, crendo que a Bahia tinha um arquivo, um acervo histórico, alguma coisa e as revistas davam ênfase.

Eu estava trabalhando na convenção e na época dirigia o departamento de educação religiosa e era cercada por todos os lados e nem eu sabia tanta coisa pois só tinha 5 anos de crente. E vocês vão pasmar, como é que eu só tinha 5 anos de crente? Porque eu me converti e por um erro de documentação fui aceita num seminário que só aceitava depois de no mínimo dois anos de batizada e aí me converti em outubro e em fevereiro já estava no seminário. Me batizei 31 de dezembro, igreja pequena tem dessas coisas, o meu pastor não entendia muita coisa, não se envolvia muito com denominação e aí eu professei fé, ele batizou e como eu pensava em ser freira, tinha um histórico meu passado que eu disse que era isso que eu queria ser, referindo-me a Valnice Milhomens, ele me perguntou e eu disse: estou nas mãos de Deus, ele fez tudo e eu fui para o seminário.

Pois bem, quando cheguei na Bahia, meio caladinha, não falava muito sobre essas coisas e aí eu me deparei com isso, comecei a procurar na convenção batista baiana, coloquei um lenço na cabeça, uma irmã lá me dei uma caixa que estava pronta para ir para o lixo, como todo historiador sabe que no Brasil é assim, a documentação está na caixa para jogar no lixo e eu coloquei o lenço na cabeça e fui olhar, pegamos as atas que hoje a convenção tem, etc e etc.



Criei esse gosto, tanto que quando fui fazer o meu mestrado no seminário do sul já fui decidida porque sabia que podia fazer a parte histórica, não me senti competente em línguas originais e lá existia a parte histórica, então resolvi fazer, na época estava o pastor José dos Reis Pereiras, foi o homem que na história do Brasil Batista ele era a maior autoridade que tinha porque ele acompanhava, foi jornalista, etc e etc. Ele foi meu orientador de mestrado, infelizmente, faleceu antes de eu terminar o curso e por isso é um curso que eu deveria terminar em 2 anos e meio ou 3, terminei em 10 em termos de colação de grau, porque toda vez que eu estava preparando o meu material chegava um novo material, como hoje que tem Internet, eu dizia: “Pastor Reis, chegou mais alguém aqui com 10 caixas.” Ele tinha uma mania de morder os lábios, eu imaginava ele mordendo, porque estava falando por telefone: “Antonia,” - às vezes, faltando três, quatro meses para eu ir fazer a minha tese - “abra as caixas e comece tudo de novo, eu espero.” Porque tinha um prazo. Ele já faleceu, algum tempo depois ele foi substituído pelo professor Ebenezer Ferreira, pai do atual secretário das Missões Mundiais, e eu, finalmente, terminei minha tese, depois que eu estava viúva, porque casada eu não consegui. Eu andava com minha mala para tudo que era canto, e o marido gostava de passar mais tempo comigo, e eu terminava fechando tudo, mas depois consegui fazer.

Mas, meus amados, isso não estava planejado para dizer agora, mas diante do tempo que me deram, os que já falaram alguma coisa... Eu pensei assim: por onde começar? Foi uma das minhas lutas hoje... Eu pensei assim: Eu vou começar por Jesus Cristo.

Não vou contar aqui toda a história da Igreja, vou antes de Jesus Cristo. Vou lá para o Éden. E lá no Éden, disse o Senhor... Formou o homem, botou lá no jardim, deu lá as recomendações, o homem caiu, a queda do homem todos nós conhecemos, e o Senhor ali disse... “Nós somos tão importantes que Ele não quis nos perder”, imediatamente o plano do Senhor veio. E adiante diz: “Da semente da mulher nascerá aquele que esmagará a cabeça da serpente.” Nasceu Jesus...

O tempo passou, vieram os profetas, toda a história bíblica, se quiser eu conto tudinho, até amanhã de manhã, até o dia da eleição, porque não podemos perder a eleição... Então aconteceu toda a história do profetismo bíblico, e tal e tal, e chegou Jesus. Quando



Jesus chegou, eles não reconheceram Jesus. Jesus foi morto, e um dia Ele disse aos discípulos, mandou recado por uma mulher, não sou feminista, detesto essa linha, acho que a gente tem que valorizar a mulher, mas no seu lugar. Voltando ao que estava dizendo. Ele mandou recado pelas mulheres, que foram lá correndo, porque muitos religiosos foram lá correndo ver o sepulcro, todos nós conhecemos a história, e o que aconteceu? Ele mandou um recado: “Diga a meus irmãos que eu quero encontrá-los em tal lugar.”. E a mulher foi, menina de recado - eu já fui tantas vezes menina de recados, e recados do Senhor - foi lá e deu o recado. E Ele disse para os discípulos: “ Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a fazer tudo o que eu lhes tenho mandado. E eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.”

Passaram os 40 dias Dele aqui, e vai Jesus e chama os discípulos e diz para eles: “Ficai em Jerusalém até que do alto sejais revestidos de poder.”. E um lá meio perguntador, que nem a gente aqui, o pastor ilustre Gildásio, meu querido ex-aluno, e disse: “Senhor, é nesse tempo que vai restaurar Israel?” Fez aquelas perguntas que a gente gosta de fazer, Jesus andava cercado de perguntas, e Ele se voltou para os discípulos e disse assim, tinha hora que Ele era meio parecido com alagoano: “Eu não vou dizer nada a vocês sobre essas coisas.”. E aí Ele começou a conversar um pouquinho mais e disse assim: “Vocês vão ser minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia.”. Parece que eu estou vendo o mapa aqui. Eles recebiam o poder e seriam enviados por todos esses lugares.

E eles olhavam para Jesus, e Jesus conversando com eles, Jesus começou a subir, estava a multidão ali, e Jesus começou a subir. Na medida que Jesus falava, irmãos, parece que estou vendo – eu sou meio dramática às vezes - à medida que Jesus falava, o pé Dele começou a levantar do chão e enquanto Ele foi falando automaticamente Ele ia subindo, subindo. E os discípulos começaram a olhar para cima. Imaginem, ficaram olhando, olhando, até que saiu do foco da visão normal, e eles continuaram olhando, olhando, olhando, olhando, olharam tanto e veio uma nuvem lá e cobriu Jesus. E eles estavam tão abobalhados que ficaram olhando para cima, contemplativos, parecendo gregos filosofando. Dois anjos



chegaram perto. Galileus, “por que estão aí olhando pra cima? Esse Jesus que vocês viram subiu. Da mesma maneira Ele vai descer.”

E lá em Apocalipse 1: 7 diz assim: “Ele virá nas nuvens e todo olho o verá, até daqueles que os transpassaram”.

Nós que fazemos Teologia e estudamos é que complicamos as coisas. O Reino de Deus é muito simples – mas nós complicamos, aí vem a escatologia e vai dizer um bocado de coisas sobre a vinda de Jesus. Está bem simples aí nas escrituras como é que Jesus vai voltar. Ele vai voltar, e todo olho – você vai ver, eu vou ver, nós vamos ver.

Então, queridos, como eu consegui guardar de memória – está posto o fundamento do Cristianismo. E foi com esse fundamento que os 12 enunciaram, os 70 anunciaram sobre Jesus, os 120, depois os 3 mil de Pedro e a Igreja se espalhou por aquela terra, depois d’Ele ter recebido o poder, e aí vieram perseguições e problemas. Veio os anos de silêncio, as catacumbas de Roma, não se sabia muita coisa, mas hoje é que procura peixinho na caverna, não sei onde para ver por onde Cristo não passou e essas Igrejas foram estabelecidas, a Igreja de Roma, mais forte também, e aí vem aqueles anos que a gente sabe pouca coisa sobre o Cristianismo, ficamos assim fazendo conjecturas e depois silêncio total.

Oficializa-se a Igreja, não com Constantino, o documento foi – eu estou falando assim porque estou numa casa legislativa, e eu vou falar de leis, que tem a ver conosco, porque representante aqui dos deputados que teve a coragem de fazer esse chamado para esta manhã, não tem muitos para ouvir, mas tem o irmão que é crente em Jesus e sabe, e aqui a responsabilidade é sua, e agora a palavra é minha. Lá na Igreja a palavra é minha, mas eu não falo aqui no Legislativo, falei agora sobre a condescendência de Duman, que foi quem foi convidado e não sei o que ele tem ultimamente que está me floreando, toda vez que o chamam para falar de Batista ele diz que sou eu, então, foi ele quem cedeu para que eu viesse falar estas coisas.

Pois bem, meus amados irmãos, o que ocorre? Ocorre que quem fez toda a documentação foi Teodósio, não sei porque é o nome de meu pai, que era pai de Constantino, Constantino que veio depois dele e promulgou as leis que o seu pai já vinha, que era da oficialização do Cristianismo, e nós começamos a padecer aí. Você não vê história de Batista,



chega já, porque eu quero fundamentos. Eu não falo mais de Batista começando com Ana Beibe. Meu pastor pediu outro dia para eu falar e tenho um assunto sobre história da Igreja começando por Jesus, versículo por versículo, eu ainda não fiz nada com isso porque quero saber se já tem alguma coisa por aí escrita desse jeito, fundamentando o Cristianismo em Jesus Cristo, para a partir dali nós podermos fazer alguma coisa, senão meus amados, posso ir embora? Perdemos o rumo. Se não voltarmos para Jesus e para o Cristianismo fundamentado por Ele, que nem sabia que era Cristianismo, Ele era judeu, eu disse isso uma vez e o padre abriu um olho deste tamanho, quem botou o nome de cristão foi o povo, zombando dele. Ele nunca teve pretensão de fundar nada. Ele teve e veio aqui para consertar o judaísmo que não estava entendendo nada do que Deus mandou fazer.

Então, voltando a esses fundamentos nós vamos encontrar o Cristianismo empalidecendo, porque a partir de então o povo passou a ser cristão por decreto e não por conversão, foi o primeiro problema. Quem estudou história do Cristianismo sabe isso, foi o primeiro problema, nesses aspectos, o Cristianismo por decreto, e a partir daí os reis e os príncipes e tudo, não tem tempo para eu ir fundamentando tudo, pegaram isso aí. Então, chegou uma hora em que, na época da História do Brasil mesmo, e do mundo, os imperadores foram os fortes, quando as cidades, estados da Grécia, principalmente da Grécia e de Roma, as cidades antigas, elas foram brigando umas com as outras e foram se tornando império, começando por império pequeno Persa e depois outros impérios, até que veio o império grego e finalmente o império romano, que foi a conquista das cidades, e entendendo-se que tinha que se colocar uma pessoa ali para governar e etc, etc. E a gente está pertinho das eleições, está assim, mais ou menos, agora: o governo das cidades.

Então, nós vamos encontrar essas cidades, depois, com alguém tão forte que chamou de imperador, e esses homens ficaram fortes e decretavam e decidiam as coisas. Depois isso empalideceu, acabou um pouco.

Vem a Idade Média. Na Idade Média, depois, ressurgiu a ideia, na atual Europa, que eram aqueles príncipes que foram também brigando do mesmo jeito, e agora, na Idade Média, príncipes e reis estavam fracos e fortes, agora, estavam os colonos, e o pessoal lá, vocês sabem a história do Brasil, é isso aí.



Então, voltando ao que nós estávamos falando, nós vamos encontrar eles voltando à ideia de Império, de forte. Então, na época da Reforma a Igreja estava terrível, existente, dinâmica, forte, governando, a Igreja oficial, a Igreja Católica que me estou referindo, porque aquela Igreja de Roma ela foi, à medida em que ela ficou com o poder, começou a botar os filhos, os parentes, os amigos, os príncipes e tal, e eles perderam o rumo. Então, a Igreja começou a ser muito ligada ao Estado, eu estou dizendo isso porque é um princípio batista, a separação da Igreja com o Estado, pouco entendido, às vezes, mas nós vamos encontrar o Estado muito ligado à Igreja. Então, como é que era feito? O assunto que tinha a ver com as coisas da cidade, por isso que eu falei nas cidades-estado, Esparta, Atenas e outras lá, elas eram autônomas e etc, nós vamos encontrar essa ideia de que eles estavam..., quando uma coisa, uma decisão tinha a ver com a cidade o imperador agia, como imperador; quando uma coisa tinha a ver com assunto religioso, um braço forte, que era a Igreja, agia, dizia as coisas e, muitas vezes, colocava para que o Estado fizesse, punisse, e etc, etc.

Então, nós caminhamos assim, e aí, depois, alguns religiosos, inclusive Lutero, Calvino, Stalptes e tantos outros que combateram isso, porque eles achavam que a Igreja estava saindo daquilo para o que ela foi organizada. Mas, vou voltar aos meus alfarrábios para que, daqui a pouco, a gente chegue nos batistas e coloque isso.

Então, vamos falar a origem dos batistas. Eu historiei um pouco, porque uma das coisas que eu acho interessante, principalmente quando dizem que eu sou, não sei o que lá de História de batista, eu não sou formada em História de batista, eu sou formada em Teologia, sou Mestre em Teologia, com concentração em História, e como eu não sabia, quando comecei a contar lá atrás, eu não sabia nada, então eu quis fazer sobre os batistas, porque eu vinha de um lugar onde os meus liderados, os católicos – eu me converti aos 24 anos, tenho 40 de crente, completei 64 agora, e devo estar fazendo 40 de crente nesses dias, entre 27 a 31 de outubro, porque foi a conferência na minha Igreja, só não sei qual foi desses dias, mas vou procurar, se eu retroceder no calendário, não tive tempo ainda de ver isso.

Mas, voltando ao que estávamos falando, nós vamos encontrar agora a ideia da reforma, aí vem Lutero insatisfeito com essas coisas que aconteciam, ele vai lá, reforma, tal, tal e tal, fica forte e isso se espalha. Então, uma ideia da origem dos batistas, três teorias,



nessa história toda, os grupos foram para aí, e então, agora, ressurgem aqueles que vêm com a fé cristã, vários grupos, puritanos, etc, etc, etc, mas vamos, agora, centrar nos batistas. Qual é a origem deles? Há três teorias sobre isso: a JJJ é uma teoria de que os batistas, eles vêm desde João, que foi aquele que veio preparar o caminho para Jesus, Jordão, onde batizava, inclusive onde ele foi batizado, e Jesus que foi quem, realmente, veio e depois dele o Cristianismo se fundamentou. Primeira teoria, muito bonita pela doutrina e pelo que nós cremos, pela nossa declaração de que nós..., vamos aqui fazer um teste, se vocês lembram. Qual é a nossa regra de fé e prática, irmãos? Batista crê que a Bíblia é a sua regra de fé e prática, por isso estamos tratando desse assunto. Nesse ponto de vista, tudo bem, mas falta um fundamento histórico, uma data, na linha do tempo da história geral falta um dia para dizer: foi tal tempo.

Depois a teoria dos anabatistas, só de anabatista não serve, porque anabatista foi um grupo, quem conhece, muito antes dos anabatistas do século XVI, que faziam umas coisas que nem muito tinham a ver com o cristianismo, violentos, matavam de brincadeira e outras coisinhas, as primeiras doutrinas dos anabatistas.

Século XVI, a reforma já tinha acontecido. Na verdade, existem dois pensamentos teológicos, ou nós somos calvinistas ou somos luteranos. O Calvino por causa da predestinação. Quem nasceu predestinado sabe e quem não é, não é e assola a graça do nosso amado Lutero, que vai e diz, “não, a salvação é pela graça, ou você é presbiteriano ou você é batista, doutrinariamente”. Uma doutrina mais essencial.

Voltando à que nós estamos vendo, então os batistas criam segundo orientação luterana, de Lutero, não da igreja luterana. Então, eles criam na salvação, confessando os pecados, aceitando Jesus, sendo batizados, os anabatistas do século XVI, sendo batizados e eles eram tão assim com essa doutrina de batista, porque tinha muita gente batizada, que eles só aceitavam por imersão.

Por isso, que nós também só batizamos por imersão. E, quem não era batizado por imersão, eles rebatizavam. E aí, tiveram problemas, perseguições e etc. Todo mundo que fundamenta alguma coisa é perseguido, quem mexe em política sabe disso. Aqui é um lugar fantástico e você está entendendo com toda clareza. Então, o que foi que aconteceu? Lá na



Inglaterra, que o movimento era forte, começou a perseguição a esses grupos pequenos e religiosos e algumas pessoas fugiram para Amsterdã com John Smith, e lá ele falou mais um pouco. A Holanda sempre foi muito aberta, tudo mundo sabe como era a Holanda, desde o passado era assim e a Holanda recebia esse povo perseguido como país e ele foi lá, pregou e depois ele explicou essa doutrina do rebatizado e se auto-batizou.

Então, batizou e agora, batizado, pega os outros e batiza. Então, esse foi, historicamente, o surgimento da igreja, século XVI, com os anabatistas. Muito bem. Então, vamos ver os Estados Unidos. Dos Estados Unidos veio a grande navegação e as descobertas das novas terras. Descobrimos novas terras, as nações fortes faziam suas colônias. Portanto, nação forte na época das navegações foram Inglaterra, Portugal e Espanha.

Então, todo mundo sabe, quem não sabe, vai ficar sabendo agora, que os Estados Unidos foram resultado das 13 colônias da Inglaterra, que tinham uma política, vou usar hoje tudo, dentro da política vou botar filosofia, dentro da filosofia vou botar política, que tinham uma política de desenvolvimento. O que era isso?

Eles tinham uma colônia, incentivavam os colonos ingleses a irem para outra terra para se desenvolverem e davam todo apoio. Essas 13 colônias prosperaram e tal. Espanha e Portugal tinham uma política, para não falar filosofia, diferente. Era uma política de exploração. Esse nome está lá no livro de história. Explorativo, porque eles chegavam, exploravam as riquezas da terra, exploravam o nativo, chegando a massacrá-los, não só usar o escravo e trazer também quem ele já tinha escravizado, que eram os africanos em outras terras.

Muito bem, posto isso, vamos entender porque nos Estados Unidos eles tinham fundamento ao ver pessoas desses países todos, da Inglaterra, principalmente. E ali eles ficaram, com trabalhos principalmente depois de João Wesley, cresceram, desenvolveram-se e chegaram até os batistas se organizarem nos Estados Unidos, como convenção.

Então, estamos já na convenção do Sul dos Estados Unidos e na convenção do Sul dos Estados Unidos, eles tiveram uma reunião à semelhança das nossas, não vou gastar tempo, já conhecemos. Eles fizeram uma reunião e lá já havia interesse de enviar um missionário especificamente para as nações.



Na época, a ênfase era a Índia, a África, o México, porque não tinha ainda aquele problema político com relação a algumas coisas. Então, voltando ao ponto de cá, vamos encontrar eles mandando missionários para isso e querendo, já, pois já havia uma luzinha de mandar missionários para o Brasil.

E, agora, nós vamos parar e fazer duas divisões. Eu fiz isso na minha tese para facilitar a compreensão de uma briguinha que surgiu no Brasil – aqui estou num lugar político, vou ficar bem à vontade. Que bom que esse grupinho é bem menor. A gente pensa que é por causa daquilo, daquilo e daquilo. Deus preparou vocês para ouvir isso. Não é todo mundo que pode ouvir não, porque eu vou ser daqui a pouco brabinha, viu? Então não é um grupo muito grande que pode ouvir não. Então vamos lá.

Vamos encontrar, por exemplo, como estávamos vendo aqui, qualquer coisa que eu esquecer, que não esteja vendo aqui, vocês me ajudam a ver onde é que eu estava.(Pausa)

Então o que é que ocorre? Havia a ideia de mandar missionários para o Brasil. Neste ponto eu estabeleci, naquela época, uma coisa para a minha compreensão. Chamei de protestantismo de missão e protestantismo de imigração no Brasil. O que é protestantismo de imigração? Eram os imigrantes que vinham para o Brasil com a fé reformada - não vou nem falar daqueles que vinham porque queriam vir-, mas eram muito perseguidos e tinham muita dificuldade de ficar no Brasil.

Tudo começou a melhorar quando – não dá para não fundamentar essas coisas-perdoem-me o alongamento, mas tem que dar uma parada e fundamentar. Tudo começou com problema político, Sr. Deputado. O que foi que aconteceu? Napoleão Bonaparte estava revirando a Europa, ganhando de todo mundo com aquelas guerras doidas dele. Estava conquistando tudo. Olha, gente, eu não estou lendo não, então não estou sendo técnica não, estou dizendo como Antônia é, viu? Então vamos lá.

Então o que foi que aconteceu? Napoleão estava ganhando tudo. E, de repente, ele sabendo que estava muito forte, a Inglaterra era muito forte. Hoje, vemos máquinas ferroviárias e máquinas de imprensa antigas e em todas está a marca da Inglaterra. Tudo era na Inglaterra porque a tecnologia lá era muito forte.



Então o que é que aconteceu? Veio o bloqueio continental. Quem estava pegando no pé da França era a Inglaterra. Ela só tinha medo da Inglaterra. Então meteu o bloqueio continental. O que foi o bloqueio continental? Ninguém compra nada a não ser da França. Não compra mais da Inglaterra e tal e tal, não faz acordo, passa pela França e a gente faz. Eles criaram a mesma coisa com a nossa colônia aqui mais adiante.

Pois bem. Então com esse bloqueio continental, Portugal que não estava nem pra lá, nem pra cá, meio na surdina, desobedeceu a França. O que aconteceu? Napoleão invadiu Portugal. Brasil era colônia portuguesa. Quando o Brasil foi descoberto, foi colocada aquela cruz, aquela coisa lá oficialmente, aqui há algumas coisas mas não vou dizer, já cortei o assunto porque não quero falar sobre isso, quem quiser saber depois me pergunte que eu digo, mas quando um rei partia para uma descoberta o fazia com dois títulos: como imperador e como Grão-Mestre da Ordem de Cristo. Então ele tomava conhecimento da terra descoberta como imperador para dizer: Temos uma nova terra. Isso quem fez foi Cabral através de Pero Vaz de Caminha. E depois da primeira missa e da segunda, no 1º de Maio, vai lá o Frei Henrique, celebra a missa, coloca o cruzeiro - quem for ao Sul da Bahia, em Porto Seguro, vai ver – e ali estava a autoridade do mesmo rei, Dom Manuel, como Grão-Mestre assumindo a posse da terra como Igreja. O imperador tomou conhecimento, mas a posse era da Igreja, aquela braço que falei lá no início. Então o Brasil tornou-se assim oficialmente católico.

O Brasil havia sido descoberto e o que é que ocorre? Não havia saída para Dom João. Ele pega a família e vem para aqui que era colônia de Portugal. E a mulher se volta para ele e diz: A gente vai morar naquele quinto dos infernos? É uma frase histórica. A mulher dele disse que o Brasil era o quinto dos infernos pelo atraso que havia. O quinto dos infernos dava uma ideia de muito longe, muito distante.

Pois bem. Então eles vieram para o Brasil. Com a vinda da família real para o Brasil sob a proteção da Inglaterra que escoltou os navios de Cabral até aqui, na véspera, dia 8 de março, houve uma missa perto do porto onde o grão-mestre entregou as bandeiras para que Cabral as trouxessem.



Sabe por que eu sei que eles vieram para cá dia 9 de março? Eu era garotinha na escola e ensinava no primário. Um dia, achei um disco velho. Não sei de quem era mas continha uma música, mais ou menos, assim, a fim de ensinar para meninos pequenos: “*9 de março de 1.500, 13 navios nos mares ao vento. Lá vai Cabral pelos mares além, comandando sua esquadra, quanta gente lhe quer bem.*” Quando eu vi o dia 8 de março, ontem, antes do apagão. Então, fez a missa, deu as bandeiras no dia 9 de março. E veio embora Cabral.

Meus amados irmãos, o que acontece? O Brasil vem para cá sob a posse da Inglaterra. A rainha diz ao imperador que na terra dela há a perseguição e pergunta: “O que acontecerá com os meus súditos ingleses?”

Eles chegaram em 1808. Depois, sai o documento: a abertura dos portos às nações amigas e, também, com um contrato de comércio entre o Brasil e a Inglaterra. É sobre este contato de comércio que a rainha diz algumas coisas. Está no documento que os súditos de sua majestade não serão molestados ou inquietados ou perseguidos por questões religiosas; terão liberdade de tratar dessas coisas em suas casas. A exigência era a de que não tivesse forma de templo e não tivesse sinos.

É por isso que batista faz uma confusão danada com esta história de sino. O sino não tem muito a ver com Igreja Católica, não. Mas, para não chamar atenção de seus cultos, nós éramos proibidos de colocar sinos. Todos os evangélicos protestantes colocavam seus sinos na Europa, e não havia nenhuma dificuldade. Então a rainha da Inglaterra pede isso aos seu súditos. E o Brasil aceita. A partir daí, a posição do imigrante começa a melhorar.

Aí, entra o famoso Rui Barbosa. Devemos muito aos parlamentares brasileiros, independente de serem ou não evangélicos, porque eles não aceitavam esta situação no Brasil. O Brasil estava muito atrasado e com muitos problemas. Os parlamentares eram muito cultos. Eles iam à Europa, estudavam lá e observavam a vida por lá. Vejam, o que eu falo por pesquisa, os parlamentares tiveram a chance de conhecer. Então, chegando ao Brasil, os parlamentares ficaram quietos e indignados com o atraso que eles viam aqui.

Uma das coisas de Rui Barbosa falou foi isso: “*Enquanto não oferecermos ao imigrante senão direitos mutilados, evidente é que não há de trocar o gasalhado fraternal da*



União Americana pela condução 'capitis' diminuída, a que nossos códigos o condenam.” E, mais adiante, afirma: “...nivelai, sobretudo, o culto do imigrante ao culto da maioria; e com certeza, a imigração, natural, suave, ininterrompida, abundantemente, buscará estas plagas cheias de sedução.”

Vejam, um dos impedimentos era, exatamente, a legislação. O imigrante vinha e, depois, voltava, porque ele não aguentava ficar aqui. Mas, a partir das leis, por causa desses tratados com a rainha da Inglaterra, eles começaram abrir certas coisas. Como não havia casamento, eles consideravam casamento do imigrante ilegítimo. O filho do imigrante era ilegítimo. E o casamento, também, era ilegítimo. Então, as leis foram, mais ou menos, assim.

“Libertem-se as famílias do jugo de Roma. Acabemos com o repugnante monopólio da época da Igreja para unir e desunir a sua força...” Ainda sobre o casamento, ele diz assim: *“...que o casamento religioso seja aprovado pelo competente registro na forma que determina o regulamento.*

O art. 2º. O governo regulará o registro, provas deste casamento, bem assim dos nascimento e dos óbitos das pessoas que não professam a religião católica e as condições necessárias para que os Pastores de Religiões toleradas possam praticar actos que produzirão efeitos civis.”

Outra coisa: (lê) *“Para o registro dos casamentos, nascimentos e óbitos havia três livros: um para os do casamento, o qual ficará a cargo do secretário da Câmara Municipal de residência de um dos cônjuges; e dous para o dos nascimentos e óbitos, os quais ficarão a cargo do Escrivão do Juiz de Paz do Lugar.*

Art. 52 - Para que os pastores e ministros das religiões toleradas possam praticar actos do seu ministério religioso, susceptíveis de produzir efeitos civis, que sua nomeação ou leição, esteja registrada, quanto aos que residirem na Corte, na secretaria do Império; e, quanto aos que residem nas províncias, na província de sua residência”.

E quanto aos pastores acrescenta:

“ '... Pela Gazeta de maior circulação na capital dessa província os nomes dos ministros e pastores que tiverem registrados seus títulos à proporção que se for fazendo o



registro, a fim de que as pessoas de religião diferente da do Estado, tenham conhecimento daqueles que estão habilitados para legalmente...”

Não é perseguição de diabo, não, como a gente escuta dizer por aí quando se vota uma lei: “Ah, o diabo está impedindo, tal e tal”. O pastor tinha que ter um regulamento, um processo em que ele ia lá, fazia – como hoje, não é? – e aí ele era respeitado. Para quê? Para evitar que qualquer um chegue à terra e faça do jeito que quer fazer e prejudique o povo. Eles tinham muito cuidado nesse particular. Não vou ficar citando leis. Só quero, agora, verificar onde estou.

Sobre os cemitérios. Se você não tivesse o batistério da igreja, onde você batizou os seus meninos, você não sepultava lá. Sepultava na fazenda, na terra, onde quisesse. Depois, eles regulamentavam os cemitérios numa porção de terra, depois dos nobres; lá para o fim eles deixavam para que houvesse os sepultamentos.

Infelizmente, agora vou falar dos nossos missionários – felizmente antes do infelizmente –, todo esse ambiente foi preparado para receber os nossos missionários. Isso aqui que estou falando eles não sofreram mais. Isso foi lá em 1600, sei lá! Quando eles chegaram aqui, em 1882, a legislação já estava muito mais tranquila por causa da Inglaterra. Inclusive, já tínhamos o Cemitério Inglês. Quando os missionários vieram, entre eles a esposa do Taylor, dona Catarina. Algum tempo depois, ela apresentou um problema no joelho, hoje seria um câncer, e não teve jeito. Ela foi para lá, tratou nos Estados Unidos, voltou. O problema continuou, ela amputou a perna nos Estados Unidos, voltou grávida e de perna amputada, evangelizando por aqui.

Se eu me emocionar, eu calo e digo depois. Daqui a pouco a voz volta. Então, ela foi e pregou. Chamava-me a atenção nesses missionários, meus amados irmãos, sabe quantos anos elas tinham, mais ou menos, tanto a Bagby quanto ela? Vinte anos. Vocês sabiam que Ana Bagby viajou em núpcias? Casou e viajou.

No princípio de separação da igreja no Estado, eles eram tão rigorosos que o governo do Brasil dava passagem a todo missionário que viesse, pouca gente sabe disso. Não era somente para católicos, não, se viesse qualquer missionário antes dos nossos, ele dava passagem. Mas os batistas, por causa daquela ideia, a dona Ana Bagby sonhava em andar



num navio a vapor – eu não sei qual é a diferença do navio a vapor de um cargueiro. Talvez o pastor possa me explicar, eu não sei, porque hoje que pensei nisso, vou procurar saber depois.

Então o que acontece? Eles vieram num navio cargueiro para cá porque não aceitaram vir em um de melhores condições e tal. Chegaram ao Brasil, mas eles não eram de qualquer jeito não.

Vou abrir um parêntese para contar a história: quando fui presidente da Comissão Batista Baiana, eu andava em tudo quanto era canto por aí. Eu amo sopa, mas gosto muito de osso, e numa das nossas associações, o pessoal, sabendo que eu gostava de osso, mandou um para mim. Eu peguei o osso e abocanhei. Um ano depois, quando lá voltei, estava o meu retrato com o ossão. Então, quando vejo que vão tirar foto minha, faço pose para não me pegarem mais com a bocona aberta.

Bem, chegando aqui, com planejamento. Eles tiveram dez metas, metas de evangelização, metas na educação secular, metas na educação teológica, metas na imprensa, metas de disciplina na igreja, metas para música, metas para discipular as pessoas, afastavam da igreja os que ficavam meio errados, e outras coisas mais simples que faziam, tinham metas que foram cumpridas. Por isso que temos os colégios batistas com música, têm todo aquele trabalho pois vieram para cá com metas decisivas.

Vou caminhar para o final da minha palavra. O que queremos com esta reunião? Qual o seu objetivo, senhor ilustre deputado? Mais um ato... Pensei em tudo isso antes de dizer essas palavras, e não estou dizendo nada do que está escrito aqui. Eu não quis ficar, bem, eu me perdi no começo da história, então fui de memória mesmo.

Meus amados irmãos, precisamos dizer ao povo batista brasileiro e baiano mais do que simplesmente lembrar nomes e contar histórias. Estamos numa época em que não se respeita o passado.

Vemos uma quantidade de batistas por aí. E as ramificações? E os batistas que nos deixaram, e cada um criou seu grupo pois cada um achou conveniente andar de uma forma. Uma das coisa que batista tem e que ninguém tem é a força da igreja, congregacional



também, mas a força da igreja local. Irmãos, isso está desrespeitado. Os líderes muitas vezes não respeitam a força da igreja local.

Eu admiro os americanos porque chegaram aqui na época da escravidão, ignorância, não havia escolas, pegaram o homem que mexia com lata, ex-escravo, e ensinou o direito que ele teria como membro de uma Igreja Batista. Aí começa a confusão. Batista briga.

Em 1889, ou 1898, me confundo, houve o primeiro shisma, quando um missionário se desentendeu com outro. Em 1906, outro shisma, outro problema dentro da primeira igreja. Nessa altura, já estavam no Canela, se dividem e fundam a congregação no Garcia, na Rua do Protestante.

Em 1910, fundam a igreja do Garcia, com o nome Independente do Garcia. Eles achavam que o problema era o dólar, que os missionários estavam manobrando muito e não queriam depender do dólar, e fundaram a igreja do Garcia. A diferença era essa, por isso tinha o nome Independente.

Em 1916 fundaram a Missão Batista Independente que, em algum momento do século XX, fechou, abriu novamente, ligou-se a nós como igreja, mas com o movimento G12 de novo se afastou. A família Moura, que ainda existe lá, voltou à missão independente e tem uma pequena igreja no Garcia.

No Brasil, as igrejas cresceram galopantemente. Um dos motivos pelos quais eles vieram para cá foi a linha férrea. Eles atravessavam de barco, em Nazaré pegavam o trem e, de lá, iam até Jequié, até onde ia a linha férrea. Por isso, as igrejas antigas são Santo Antônio de Jesus, Jaguaquara, Santa Inês, aquelas igrejas do lado de lá, onde realizavam o trabalho. O trabalho na capital também foi desenvolvido, eles fundaram as suas igrejas. Em 1907 houve a I Convenção Batista Brasileira, aqui. Pasmem, os Estados foram crescendo e organizando as suas igrejas. A Bahia começou com a União Geral das Igrejas Batista, depois veio a interestadual, porque abrangia vários estados, mas em 1923 – para a história ficar bem precisa – a diretoria se desentendeu. Eu não ia citar isso, hoje, mas vou citar. Em 1923 marcou-se uma convenção em Santo Antônio de Jesus, a interestadual, que era a convenção que vinha de 1909 a 1923. Eles se reuniram, mas havia um problema por causa do



movimento radical no Brasil batista, que era a disputa entre líderes brasileiros e líderes missionários que queriam separar, fazer o trabalho separado. Pois bem, o movimento chegou fraco na Bahia. O que aconteceu foi que aquela convenção que saiu para realizar o trabalho em Santo Antônio de Jesus no ano seguinte, não aconteceu em 1923, porque a diretoria rachou, meio a meio. Sendo assim, um grupo ficou com o missionário M. G. White e o outro grupo ficou na interestadual. Então, na data marcada aconteceu a assembleia da Interestadual da Bahia, e White, junto com os que ficaram com o missionário, em 1923, em Caldeirão, fundou a Convenção Batista Baiana.

Então, hoje, falar em Convenção Batista Baiana Unida é diferente da história dos batistas. Houve uma época em que nós tínhamos cinco convenções batistas no Estado. Eu não ia citar isso, mas estou citando.

Agora vou dizer o que está vindo na minha cabeça. Meus amados irmãos, ou Deus dirige isso, ou nós somos pessoas que simplesmente estão fazendo o trabalho e gerando problemas, usando os nossos documentos, os nossos estatutos e regimentos. Nós temos o direito, na condição de batistas, de sermos respeitados como membros. Temos o direito de sermos respeitados como membros de associação. Temos o direito de sermos respeitados como membro das convenções. Temos o direito de falar. As mesas não têm o direito de cercear a nossa palavra, elas têm que conduzir pelas regras parlamentares, mas vocês sabem que nós não estamos vivendo assim.

Então, meus amados, nós precisamos dizer o que aprendemos com os pioneiros. Para onde nós vamos agora? A minha preocupação não é o hoje. No dia 15 completou 130 anos, mas e agora? Para onde a Bahia vai? A Bahia está bem, tem colégios, tem 594 igrejas – estamos caminhando para 600 –, mas para onde nós vamos com 131 anos? Brigando internamente? Desrespeitando? Falando de amor, mas sem amar? Pisoteando liderança por liderança? Super poder? A autoridade que estamos criticando dos deputados, do governo e não sei de quem, nós estamos fazendo nas igrejas.

Na denominação é preciso estar alerta! Para mim, lembrar Batista e rever o que Batista trouxe como legado para nós, é ideologia falsa! É claro que temos de ajustar. Mais de



100 anos depois, deve haver os ajustes, mas os princípios, irmãos, do amor, do respeito, da compreensão e do esclarecimento dos crentes. Isso não pode ser relegado.

Não sou pastora, tenho pouca voz, hoje, porque já não tenho cargos que me permitam sair por aí falando. Não estou aproveitando o momento, é tanto que os papéis estão todos aqui. Comecei a falar e disse: “Senhor, me dirige. Eu quero ter o conhecimento das coisas. O que eu vou dizer, põe na minha boca.”

Fatos históricos vocês podem vir me pedir, mas eu não dou porque vou publicar meu livro. Então, quando eu puder eu dou. Há anos está na minha gaveta, algumas coisinhas eu dou, mas não os fatos 100%. Isso não é muito importante. Está escrito, está por aí. Uns estão meio tortos, meio errados, mas estão por aí.

Para onde nós vamos? Como nós estamos? Como a liderança está? O que o Sr. Ilustre Deputado, como crente, tem que vai ser diferente dos outros que ocupam a mesma tribuna e têm o mesmo poder? Eu nem conheço o irmão Alan Sanches direito, conheço das propagandas, mas Deus dá ousadia. Quando Ele nos dá a palavra, nos faz profetas e profetizas e eu não falo sem sua autoridade.

Então, que nós repensemos, irmãos, que nós, como batistas, oremos e tenhamos a coragem de, a nível local, ensinar direito ao povo, porque o povo pode ver um erro que a gente não viu e respeitar. A primeira coisa que se faz na igreja hoje quando se chega é mudar o documento para depois fazer o que quer. E a coisa está em nível mais amplo, meus amados irmãos, que façamos sob a orientação e a égide de Deus. Como disse alguém lá no Sião, poderemos daqui a 130 anos o que deixamos? Brigas?

Fechando, quero dizer que os problemas que tínhamos eram administrativos e não doutrinários. Doutrinários só tivemos dois movimentos que foram: o de renovação espiritual e o G12, mais recente. Eram mais questões administrativas. Tenho pensado: Senhor, será que não está no momento das lideranças olharem as coisas e tomarem posições? Alguém disse, não sei quem foi e nem sei se é verdade, que toda unanimidade é burra. As vezes a gente está muito certinho e Deus está querendo dar uma sacudida para ver quem é quem.

Então, meus amados irmãos, que Deus use a história dos batistas, a história da nação. E aí é onde entra a função do deputado, dos que são parlamentares. Por isso que falei



tanto de leis, a lei para o Estado quem faz são esses homens e é nos senhores que Deus confia, se não para mudar, mas para influenciar. Ruy Barbosa talvez não soubesse que iria ser tão citado tantos anos depois.

Meus amados, que Deus nos ajude a cumprir nossa missão, seja como pastores, como educadores, como historiadores, mas que o nosso compromisso seja com o Senhor. Se temos alguma coisa para mudar 130 anos depois, vamos mudar, mas vamos botar outra melhor no lugar. Mudar por mudar é problemático.

Então, que esses 130 anos, reflitamos: olhem como é sua igreja, se é Batista ou não, porque um bocado não é mais, continua na convenção, o pastor diz que é, mas quando você vai olhar, não é mais. Precisamos conhecer, ler com calma, sem brigar.

Que Deus nos abençoe, nos ajude a entender que esses momentos também são momentos tais quais pregação. Eu podia ter feito um discurso bonito, convidar qualquer pastor para fazer, mas creio que o Senhor quis que déssemos uma relembração na história. Não peço desculpas por ter falado muito, porque me deram 5 minutos para falar da história Batista é de matar. Então, queridos, que Deus nos ajude e se não quiserem que eu fale muito não me convidem, porque já falei uma vez e está tudo bem.

Que Deus nos abençoe grandemente. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4062-II

Ses. Esp. 26/10/12

Or. Arno Hubner

Homenagem aos 130 Anos dos Batistas Baianos.

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):- Ouviremos agora mais uma apresentação musical dos pastores: Soares Meneses e Álvaro Júnior.

(Apresentação musical) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):- Gostaria de passar a palavra, para as considerações finais, ao pastor Arno Hubner, presidente da Ordem dos Pastores do Brasil-BA. (Palmas)

O Sr. ARNO HUBNER:- Ilustre deputado Alan Sanches, presidente da Mesa, nosso amado amigo e irmão, quero tranquilizá-los ao dizer que falarei menos que a professora Antônia; não que ela tenha falado demais, mas ela contou a história. E eu não vou contar história nenhuma. Então, fiquem tranquilos que usarei menos tempo.

Queridos, a pergunta que eu faria aqui já foi feita. E agora, depois dos 130 anos, para onde vamos? O feito até aqui, melhor dizendo, quanto à parte dessa história, nós participamos dela, pois a construímos. Mas o que será feito daqui para frente dependerá de nós e dos que nos seguirão.

O pastor Dilmã começou aqui dizendo que batistas celebram. É verdade isso. Precisam celebrar mesmo. É preciso lembrar os fatos. Em nossa caminhada, nós temos de estar de olho no retrovisor para vermos o que fomos no passado, mas também olhando para a frente e vermos para onde estamos indo, conduzindo e levando esta história avante.

Então, eu diria – olhem, as minhas anotações são pequenas – são só as considerações finais mesmo. Há quatro itens que queria deixar nesta manhã para todos nós. Em primeiro lugar, a nossa caminhada, daqui para a frente, precisa acontecer em espírito de humildade, não falsa humildade, não falsa moral, mas humildade de coração ao levar à frente uma missão que recebemos, primeiramente, das mãos de Deus e, posteriormente, que nos foi também deixada por aqueles que nos antecederam. Temos, então, o dever de levá-la à frente.

Em segundo lugar, há o item da fidelidade. Nós cantamos o hino que vem sendo



cantado ao longo dos tempos e que diz: “*Tu és fiel, Senhor!*” Lá pelas tantas, há uma expressão que diz: “*Tu és fiel para mim.*” O pastor Carlos Queiroz, certa vez, falou: “Deus não tem de ser fiel a mim não; tem de ser fiel a ele, a si mesmo.” Nós precisamos mudar para sermos fiéis a Deus. Então, a fidelidade, a lisura naquilo que fizemos, o objetivo transparente daquilo que podemos projetar.

O mundo de hoje, terceiro item, coragem. É preciso coragem para viver, é preciso coragem para pregar, mas será que mais do que no passado? Certamente não. Ainda que tenhamos perseguições ao nosso redor nos dias de hoje, elas não podem ser comparadas com aquelas que os que nos antecederam passaram, especialmente os cristãos nos primeiros tempos. Mas também ao longo da história, mesmo aqui no Brasil, houve perseguições muito mais ferrenhas do que as que porventura estejamos enfrentando hoje que são muito sutis, embora existam, mas não há gente sendo aprisionada, não há gente tendo arrancada a Bíblia da sua mão, há outras formas de perseguição que temos aí, basta coragem para viver neste mundo no qual estamos inseridos.

Por último, temos que ter palavra, sobretudo a palavra da verdade, para continuarmos a missão que nos foi encaminhada, delegada e colocada em nossas mãos. Cento e trinta anos de história são agora do passado. Nós estamos olhando para a frente. A Palavra que nos foi trazida e que transformou vidas, transformou a nossa vida também, é a que precisa ser levada avante.

Cito, com muito amor e carinho, a Palavra que encontramos no Salmo 119: 105, e na versão da Igreja Católica Romana é o Salmo 118, que diz assim: “Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra e luz para os meus caminhos.” Por que lâmpada e luz? A tradução que faço aqui, desculpem-me os exegetas, lâmpada serve para aquela coisinha mais simples, uma luz mais fraca que me permite ver onde vou pôr o pé no próximo passo, que me dá segurança, portanto, nesse andar, nesse caminhar diário. E luz, considero aquele fecho enorme que joga luz lá no horizonte, que eu possa ver para onde vou, qual é o meu destino eterno.

Então, acho que a nossa caminhada enquanto batistas na Bahia e no Brasil precisa ter isso em mente, o seu dia a dia, a fidelidade a essa Palavra, a certeza de que estamos no



caminho correto, que estamos interpretando bem essa Palavra que temos sido considerados como expert nessa área. E, com muita tristeza, vejo hoje irmãos na igreja que já estão calejados de estar na igreja e que não conhecem a Bíblia. A gente pede para procurar o livro tal e não sabe onde está. A gente precisa voltar a caprichar nessa área. Deve ser uma das metas, eu diria, para os próximos 130, 200, 500, não sei quantos anos, quando tempo vai daqui para a volta de Jesus Cristo. Mas que tenhamos a certeza de que estamos no caminho certo, baseados na Palavra da verdade que deve ser a nossa meta.

Que Deus nos abençoe! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 26/10/12

O Sr. PRESIDENTE (Alan Sanches):- Quando eu era menor, pequeno, criança, havia uma propaganda que dizia que não bastava ser pai, tinha que participar; acho até que era da Gelol. É a mesma coisa, não basta ser batista, acho que a gente tem que exercitar, tem que crescer na fé.

Bem, gente, eu não poderia perder esta oportunidade, daqui a 48 horas estaremos, praticamente, no meio do dia da eleição, vamos ter dois números, o 13 e o 25, que vão representar, no mínimo, os quatro anos da vida da nossa cidade. O votar branco ou votar nulo, acho que essa não é a forma de dizer que não quer nada disso. Você vai conviver, de qualquer forma, neste município, vai utilizar os serviços públicos essenciais, então não deixe que outra pessoa escolha o destino da sua cidade.

Você não tem outra coisa a fazer: ou você vai escolher o candidato a ou o candidato b. Escolha, não se abstenha disso. Exerça o seu direito e o seu dever para que depois possa realmente levantar-se e cobrar do nosso próximo gestor. Não basta agora ficar ligando para rádio, isso e aquilo, falando da nossa cidade. Naquele dia em que podemos decidir os destinos da nossa vida, do nosso município, será que você exerceu aquele direito e aquele dever? Por isso, digo a vocês: escolham direito, porque estarão em jogo 4 anos de nossas vidas.

Queria agradecer de coração a presença de todos vocês. Em nome do Poder Legislativo da Bahia agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, das senhoras e senhores, dos meus amigos pastores, da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão. Um grande abraço para vocês. Votem certo, votem direito. (Palmas)